

Dono do tempo

OU
TRO

Planeta

TRECHO ANTECIPADO PARA DIVULGAÇÃO. VENDA PROIBIDA.

BRUNO
FONTES



**Dono
do tempo**



TRECHO ANTECIPADO PARA DIVULGAÇÃO. VENDA PROIBIDA.

Copyright © Bruno Fontes, 2020
Copyright © Editora Planeta do Brasil, 2020
Todos os direitos reservados.

Preparação: Departamento editorial da Editora Planeta
Revisão: Fernanda França
Diagramação: Márcia Matos
Capa e ilustração: Filipa Damião Pinto | Foresti Design

DADOS INTERNACIONAIS DE CATALOGAÇÃO NA PUBLICAÇÃO (CIP)

Angélica Ilacqua CRB-8/7057

Fontes, Bruno
Dono do tempo [livro eletrônico] \ Bruno Fontes. --
São Paulo : Planeta do Brasil, 2020.

ISBN 978-65-5535-039-5 (e-book)

1. Ficção brasileira I. Título

20-1874

CDD B869.3

Índices para catálogo sistemático:

1. Ficção brasileira

Os trechos de Clarice Lispector citados neste livro foram retirados da obra *A hora da estrela*.

2020

Todos os direitos desta edição reservados à
Editora Planeta do Brasil Ltda.
Rua Bela Cintra, 986, 4ª andar – Consolação
São Paulo – SP – 01415-002
www.planetadelivros.com.br
faleconosco@editoraplaneta.com.br

TRECHO ANTECIPADO PARA DIVULGAÇÃO. VENDA PROIBIDA.

O celular vibrou, a mesa de metal ampliou o barulho e passou a ideia de uma mensagem urgente. Ele ouviu com a lembrança e a preguiça de quem esqueceu que não deveria deixar o aparelho naquele lugar. Lembrou e nada fez. O aparelho tremeu mais uma vez, mas duas vezes não seria o suficiente para que ele parasse o que estava fazendo e atravessasse a sala. Na verdade, ele não estava fazendo nada, mas, ao que parece, não queria parar de nada fazer. Atravessar a sala não seria um enfrentamento do tamanho de um deserto, algo que necessitasse de preparo e um cantil de água; para cruzar o cômodo, que também era o quarto, seriam necessários no máximo três passos ou dois saltos. A fobia que ele tinha de mobília facilitaria ainda mais o trajeto, pois são poucos os móveis que fazem companhia à pequena mesa. No centro, encostado na parede, ficava um colchão a centímetros do chão, sustentado por uma cama japonesa tão fina que dava a impressão de que a peça levitava, e era exatamente isso que ele falava sempre que recebia uma nova visita: “dá a impressão de que a peça levita”. No canto esquerdo, uma arara branca e tímida carregava com

ajuda de cabides de madeira as poucas roupas que guardava. Considerava-se minimalista para dar um sentido inteligente à sua falta de criatividade para o vestuário. O restante dos itens da sala-quarto eram basicamente discos empilhados embaixo de um toca-discos e livros empilhados que sustentavam outros livros e outros livros que sustentavam outros discos. Um enorme quadro no chão, levemente inclinado, era o responsável, solitário, pela decoração do lugar: na tela, um homem de terno em um fundo abstrato tocava um saxofone, que explodia uma música de cores azuis e amarelas. Poderia ser Coltrane? Poderia. Poderia ser Charlie Parker? Poderia. Poderia também não ser ninguém. Ele dizia que era Coltrane.

O celular vibrou pela terceira vez. Nesse momento, passou a cogitar a viagem até o aparelho, já desconfiado de quem o procurava àquela hora da manhã. Havia dito a todos que evitaria o celular por alguns dias, e apenas a mãe ignorava o aviso, enviando mensagens sempre em sequência, uma para cada ação:

Oi

Filho

Você pode falar?

Ora se irritava, ora achava graça da falta de entendimento da mãe com as novas tecnologias de que, ironicamente, usufruía muito mais do que ele. Ela costumava mandar mensagens uma vez por semana, mas, com as incertezas de um mundo em colapso, esse número subiu para uma vez a cada dia. Não sabia ao certo se era falta de companhia

ou apenas para cumprir o seu dever de mãe, respondendo ao instinto de cuidadora, sentindo-se eterna responsável de uma cria que já ultrapassara os trinta anos.

As mensagens vinham como um misto de informações do jornal das oito e do grupo de inseparáveis amigas, sempre tentando aterrorizar sobre o vírus que, naquele momento, obrigava todos a ficarem em casa. As boas notícias ela teria guardado para si, afinal, tranquilizar o filho era desnecessário. Ele recordava a última mensagem: “Você sabe quantas pessoas morreram no Rio por causa daquela festa?”. Sim, ele sabia, estava consumindo informação como quem come batatas fritas e o pacote fosse se autodestruir em poucos segundos. Mas preferia sempre responder que não sabia, para que a mãe pudesse satisfazer o seu desejo por cuidado. Ele gostava. Acreditava que, quando alguém oferece o ombro, devemos aceitar e pensar em algo que traga tristeza, para dar sentido ao carinho entregue.

Decidiu, sem ameaçar vasculhar as mensagens, levantar-se para cumprir o seu ritual diário de início e fim de dia, sendo a água responsável pelo seu despertar e adormecer. O banheiro era colado ao quarto, à direita da cama. O chão era de cerâmica vermelha e não havia um box. No alto havia uma ducha, que ele jurou há cinco anos que trocaria assim que assinasse o contrato do aluguel. Um rodo encostado à parede cochilava. Se houvesse dinheiro sobrando reformaria tudo; como não havia, justificava aos outros que tinha a sensação de estar num desses banheiros externos, que usamos antes de acessar a casa de praia. Com a delicadeza de quem tenta abrir um cofre, girou o registro. O chão logo foi inundado por uma água muita gelada ou muito quente. Ele

não conhece o morno. *Talvez seja ela*, ele pensou, notando que o shampoo estava prestes a acabar.

“Ela”, no caso, é a segunda suspeita das mensagens não lidas. A última pessoa que encontrou antes de ser informado pela mãe que o rapaz do jornal disse que todos precisam ficar em casa por duas semanas, e que quem não obedecer “vai ser preso, filho”, detalhe dramático que a mãe acrescentou por conta própria.

“Ela” não foi uma namorada, mas chamá-la de amiga seria pura inocência de quem precisa diminuir sentimentos. Estavam naquele limbo entre não ser nada e ser tudo. Dizer “eu te adoro” era pouco e dizer “eu te amo” era muito. Na dúvida, nada disseram. Ela tentou. Ele sabe. Ela sabe. Não é possível afirmar que houve um final ou uma despedida, pois o que nada é não finda nem começa, somente se desfaz na poeira que o vento sopra para fora de casa, poupando a limpeza de algo que nunca saberão que ficou por instantes sujo.

“Preciso focar os meus projetos”, disse ele, na última vez que se falaram, varrendo a poeira contra o vento.

Enrolado na toalha, escovou os dentes e encarou o reflexo no espelho embaçado. Tentava, todos os dias, se reconhecer no meio da neblina causada pela porta fechada e a falta de janela. Fechava a porta mesmo quando estava sozinho. Na verdade, ele a trancava. Notou que era o mesmo cara da noite anterior e, decepcionado, cuspiu a mistura de água, flúor e menta. Torcia para que um dia encontrasse no reflexo outra pessoa: alguém mais focado, determinado, corajoso e, se possível, menos confuso. O chão molhado. O rodo a cochilar.

Logo que abriu a porta, arremessou a toalha na cama. Se a mesma cena acontecesse quinze anos atrás, rapidamente ouviria a mãe aos berros. É a sua íntima rebeldia, como se pichasse a parede do próprio apartamento, xingando o sistema. “MORTE AO REI!” Apenas havia esquecido que ali o rei era ele, um rei nu andando pelo quarto, uma mistura de conto de fadas e Fernando Sabino. Com os dedos ainda molhados tocou a tela do celular, que se iluminou como um animal que desperta no primeiro afago.

OI
FILHO
VOCÊ PODE FALAR?

Afastou-se do celular devagar, fingindo para a mãe, para o aparelho, para o chão de tacos e, claro, para si mesmo, que jamais viu aquela mensagem. Caminhando de costas, numa fuga sem pressa, encostou as canelas no colchão e num tropeço programado deixou o corpo cair, aparentando desistir de um dia que havia acabado de começar. A pele úmida desabou na piscina macia, e, por segurança, ele se agarrou aos travesseiros para salvar algo que ainda não sabia que precisava ser salvo. Encarou o teto. O lugar em que acreditava morar suas ideias. Qualquer um que assistisse àquela cena diria que é mais um cochilo vagabundo, mas para ele era o início de sabe-se lá o quê: análise, meditação, encontro, introspecção, auto-hipnose, ioga ou algum método que no oriente iluminava almas e que no ocidente conseguiram transformar, magicamente, em dinheiro. Para o teto, que o encarava de volta, era mais um cochilo vagabundo.

Faz um café. Se fosse alguém do Tinder, teria respondido. Começa pela diagramação. Quarentena são quarenta dias. Ela ainda deve usar os brincos que você deu. Começa pela introdução. Será que tem pó? Será que você se infectou no supermercado? Precisa comprar shampoo. Começa aquele livro antes. Termina aquele filme depois. Será? O tema pode ser liberdade, meio CFA, feliz de tão triste. Cadê meu livro da Clarice? Não é hora de cochilar. Faz um café. Será que tem pó?

O tempo que ele grita ao mundo ser valioso é absorvido pelos lençóis bagunçados e um colchão que passará o dia tentando secar-se. Ele era metódico e fazia planos até para os pequenos afazeres. Durante as conversas com o teto, tentava chegar a um acordo do que seria realizado; precisava de um objetivo. Ou melhor, precisava que alguém lhe desse um objetivo, um prazo, uma ideia. O teto branco, granulado pela umidade, nem sempre respondia, muitas vezes fazia apenas o que era da sua obrigação: impedir que o vizinho de cima desabasse no meio da tarde, destruindo uma porção de discos. São as primeiras vítimas que lhe vem à mente, ignorando pernas e braços, pensando o que seria do *Acabou Chorare*, recém-comprado por um preço injusto, num sebo ao ar livre na Benedito Calixto.

O planejamento é curto: decide na manhã o que fará com o restante das horas, no máximo na semana, mas nunca planos para uma vida. Não consegue marcar uma viagem numa data distante ou confirmar que vai ao aniversário de um primo chato, “É só em maio, como vou saber se poderei ir?”, e a mãe suspirava, sabendo que o filho não iria a mais um encontro familiar, enquanto ele cochichava para si: “Espero que eu não possa”. E quando o papo é no meio de

uma conquista e o assunto chega a casamento ou ter filhos, covardemente cita John Lennon, “*Life is what happens...*”, assim mesmo, em inglês, “*Life is what happens to you while you’re busy making other plans*”. Tem mania de citações, procurava nos gigantes as palavras certas para não se sentir pequeno. Sentia-se pequeno.

É melhor comprar pó de café. Tenho que fazer uma lista. Shampoo. Café. Existe lista de dois itens? Vou ao mercado. Ela disse para eu não sair à toa. Mas sem café eu não consigo produzir. A lista precisa de outros itens. Ela não mandou mais nenhuma mensagem. Será que ela está bem? Será que ainda ouvi aquela música e diz que combina com a gente? Será que tem pó? Será que ela pegou meu livro da Clarice? Será?

O corpo seca, a reflexão termina. Estendeu o braço e retirou uma meia no cesto ao lado da cama. Devolveu e pegou uma cueca. Vestiu deitado e impulsionou as pernas para que a física o obrigasse a ficar em pé, saindo em busca dos shorts que usou para dormir, peça comprada para exercícios matinais que agora teve que adaptar-se a servir para tudo: pijama, trabalho, abdominais. Encontrou a peça no banheiro e seguiu para a cozinha, fazendo figa com o pensamento: *Espero que tenha pó.*

A cozinha é quase figurativa, servia basicamente para coar o café da manhã-tarde-noite, beber água no filtro de barro que lembra a casa da vó e cortar as frutas para os drinks que ele insistia em criar, a maioria batizada com nomes de músicos de blues: Muddy Waters (rum branco, limão, água com gás, sem açúcar), Clapton (tequila, morango, gelo, qualquer licor aberto), Robert Johnson (*whisky*, pimenta, suco de limão, gelo). Todos fazem algum sucesso,